

Articuladores gestuais: mão não dominante*

Sign articulators: non-dominant hand

Adriana Campos^{1**}, Ana Cláudia Pedreira¹ & André Maia¹

¹ Instituto de Ciências da Saúde – Universidade Católica Portuguesa

Palavras-chave

Língua Gestual Portuguesa, Mão não dominante, articuladores gestuais, classificadores, fonologia

Resumo

Este artigo aborda a fonologia da Língua Gestual Portuguesa com enfoque nos articuladores gestuais. Analogamente às línguas orais que têm como articulador primordial o aparelho fonador, as línguas gestuais, sendo de modalidade gesto-visual, têm as duas mãos que são anatomicamente idênticas: a mão dominante e a mão não dominante. É sobre esta última que o estudo incidirá pormenorizadamente a fim de perceber o seu comportamento e os diferentes papéis que adota. A mão não dominante é o articulador passivo mas com potencial e com muitos graus de liberdade que se comporta de forma muito restrita¹. Visa verificar-se, se de

facto a mão não dominante funciona como articulador e lugar de articulação ou se é, ou não, independente na formação e execução de gestos, comprovando-se com esta investigação a teoria embrionária do desempenho da mão não dominante como classificador fonológico, cujo significado atribuído à configuração realizada é imprescindível para a compreensão do item lexical.

Keywords

Portuguese Sign Language, Non-dominant hand, Sign articulators, classifiers, phonology

Abstract

This article discusses the phonology of the Portuguese Sign Language, focusing on its manual articulators. Similarly to oral languages, which have the vocal tract as their main articulator, sign languages, with their manual-visual modality, have both hands. These are anatomically identical: the dominant hand and the non-dominant hand. This study addresses in detail the latter so as to understand its functioning and the different roles it plays. Though autonomous

and enjoying many degrees of freedom, the non-dominant hand is the passive articulator, acting in a very limited manner¹. This research study aims at verifying whether the non-dominant hand is indeed an articulator and a place of articulation or whether it is, or not, independent in the creation and execution of signs, thus attesting to the embryonic theory of the performance of the non-dominant hand as a phonological classifier. The meaning given to this hand's configuration is, therefore, crucial to the understanding of the lexical item.

Introdução

Nas Línguas Gestuais são identificados para além da configuração, o movimento e a localização, dois articuladores descritos como anatomicamente idênticos e cuja atividade é coordenada de forma motora¹. Esta é uma particularidade das línguas gestuais que não pode ser aplicada às línguas orais,

visto que estas apenas admitem a existência de um articulador: o aparelho fonador. Assim, no caso das pessoas gestuantes destras, a mão dominante será a direita e a que executará o gesto, enquanto a mão esquerda assumirá funções estáticas ou de apoio. No caso das pessoas esquerdinas o procedimento será o inverso. Dos estudos efetuados² e tendo em conta

* Artigo elaborado no âmbito da disciplina de Linguística para a LGP do Mestrado de Língua Gestual Portuguesa – Educação de Surdos do ICS, UCP.

** adrianac campos@gmail.com

a evidência da existência dos dois articuladores, questiona-se a possibilidade dos dois funcionarem de forma independente. No entanto, fonologicamente, o sistema apenas permite um grande articulador, justificado pelo princípio de organização abstrata na execução, independentemente da modalidade da língua. Assim, é consensual que o articulador primordial na fonologia das línguas gesto-visuais seja a mão dominante (doravante denominada M1). Apesar da mão não dominante (M2) ser um potencial articulador, esta comporta-se de forma restrita e geralmente subordinada à mão dominante.

Nos estudos realizados por Stokoe³, este atribuiu à M2 dois papéis distintos: papel de articulador e papel de lugar de articulação. Nesse mesmo estudo, aquando da análise original dos componentes fonológicos, Stokoe descreveu a existência dos dois tipos de gestos: no primeiro tipo, ambas as mãos articulam o gesto; no segundo tipo apenas uma mão executa o gesto, conseqüentemente a M2 permanece omissa. A distinção entre estes dois é feita consoante a participação, ou não, da mão não dominante na produção do gesto. Quando ambas as mãos se movem, a M2 é um articulador duplicado e estes gestos designam-se de simétricos. Em gestos em que apenas a M1 executa o gesto, a M2 poderá desempenhar o lugar de articulação e a esses gestos designam-se de gestos de lugar.

A partir desta análise foram consideradas duas condições gerais⁴, também abordadas por outros autores como restrições¹, que estão relacionadas com estes vários papéis que a M2 desempenha. As duas condições denominam-se de simetria e de dominância. A primeira ocorre quando ambas as mãos se movem de forma independente para executar um gesto, têm a mesma configuração e o mesmo movimento (este pode ser simultâneo ou articulado alternadamente) e as especificações de orientação e localização são simétricas ou idênticas. No que diz respeito à condição de dominância, esta é aplicada se um gesto é realizado com as duas mãos e cada uma destas tem uma configuração diferente, estipulando-se que uma delas será a mão passiva relativamente à mão que articula o movimento e que é considerada a mão ativa. A mão passiva funciona como lugar de articulação e esta apenas executa um número restrito de configurações.

Num estudo realizado para a Língua Gestual Portuguesa⁵, conclui-se que em 500 gestos, apenas 48 configurações foram selecionadas para a M2 enquanto a M1 registou um total de 68 configurações, das 84 listadas como ponto de partida para

o estudo. Os resultados de frequência provam a incidência de um maior número de configurações na M1 comparativamente à M2, que apresenta um número limitado de configurações e todas possíveis de articular na M1.

As características que definem a categoria e papel de lugar de articulação segundo⁶ são: proximidade, altura e contacto.

Uma outra característica da M2 presente na literatura é a sua redundância nos gestos lexicais, sem especificação e o facto de se comportar de igual forma que a M1 (em gestos simétricos), ou como lugar de articulação nos gestos onde se aplica a condição de dominância.

É já um facto que, a mão não dominante consegue ser tão redundante nas línguas já estudadas que pode, inclusive, ser omitida por um processo denominado Weak Drop (queda do elemento fraco). Este processo refere-se à exclusão de M2 na execução de um determinado gesto, inicialmente descrito por Batisson⁷ e mais tarde sendo atribuída a terminologia “Weak Drop” por Paden e Permuter⁸.

A natureza da língua permite que a M2 seja um bom articulador que se encontra à disposição e, como tal, são explorados os comportamentos da M2 na fonologia, morfologia e prosódia das línguas gestuais.

A M2 tem um papel sistemático na marcação de constituintes prosódicos, demonstrando que um articulador fonético pode ser recrutado para diferentes áreas da gramática das línguas gestuais. Assim, pode-se afirmar que na categoria de classificadores de construção cada mão é capaz de configurar a representação de uma entidade icónica e juntas conseguem representar uma relação espacial de interações entre as entidades, podendo isto expressar que cada mão possui um certo significado.

Uma outra semelhança encontrada nas línguas gestuais com base nas línguas orais é o “*backgrounding*” – função comum nos classificadores que consiste na incorporação do substantivo em condições especiais para fins estilísticos⁹. O efeito consiste em incorporar o substantivo para ser “relembrado” no discurso – informações de fundo. Desta forma, os classificadores de construção possivelmente explicam a redundância presente nos papéis da M2.

Nas línguas gestuais o *backgrounding* é executado de uma forma única devido à existência de um articulador extra relativamente independente – a M2 – e a simultaneidade proporcionada pelo sistema gesto-visual. Na terminologia de Supalla¹⁰, a M2 atua como um “classificador secundário”, normalmente, com a função de fundo. Além desta função, a M2

também pode ser explorada para manter as informações de fundo, presentes no discurso durante o tempo que ela é relevante.

Mithun⁹ enfatiza um facto interessante relativo ao uso das construções de classificador com incorporação: estas indicam uma habilidade especial e eloquência por parte dos falantes. Esta é uma habilidade linguística que é notória no diálogo, bem como na representação do humor.

Pode-se ainda referir que os classificadores de construção se definem como morfemas encadeados pós-lexicais combinados.

Os classificadores de construção são referidos como “classificadores predicados”¹¹ que na sua estrutura morfológica básica diferem dos itens lexicais, pois cada elemento estrutural tem significado, constituindo uma unidade morfológica, em vez de uma unidade fonológica. Cada mão pode representar um classificador independente e pode mover-se livremente colocando por terra a condição de simetria⁴: as duas mãos podem ter formas diferentes e moverem-se de forma independente. A condição de dominância é também violada neste sistema ao defender que quando a M2 tem uma forma diferente daquela que tem a M1, a primeira tem uma configuração sem marcação. Esta condição não se adequa uma vez que, como a M2 é um classificador independente e tendo em conta que muitos classificadores têm configuração marcada, não são aplicados os parâmetros da Condição de Dominância.

Relativamente ao léxico conclui-se que a M2 desempenha um papel inferior em relação à M1, contudo isso não significa que fora do léxico, a M2 não desempenhe papéis relevantes.

Todos os estudos feitos até à data, nas línguas gestuais, abordam o sistema de classificadores de construção, onde a M2 tem um estatuto mais independente.

Essas estruturas são criadas para expressar algum movimento ou localização, relações espaciais com referentes concretos ou manipulação de objetos¹², incluindo um conjunto de configurações da mão que funcionam como classificadores. A título de exemplo enumera-se o gesto de ENTRAR em que M2 informa o recetor de uma localização específica e AFIADREIRA cuja M2 se refere a um objeto concreto e permite a sua manipulação. As configurações de classificador usualmente classificam os referentes na categoria semântica, tamanho e forma, ou dimensões da manipulação de objetos. Um único classificador pode caracterizar uma sequência de predicados sem rearticulação da configuração. Na prosa comum a

configuração de classificador representa um único referente mas pode persistir numa sequência de versos num texto poético, representando um referente diferente em cada¹³. Após a reflexão entre os membros do grupo e com base na literatura já mencionada, acredita-se que a classificação da M2 como papel de articulador e local de articulação possam não ser as únicas funções adotadas. Em alguns itens lexicais esta representa uma configuração diferente daquela que a M1 executa, ou seja, são articuladores assimétricos, mas consideramos que a função de lugar de articulação é insuficiente e inadequada ao papel que exerce. Acredita-se que a importância de M2 se assemelha ao papel de um articulador fonológico como classificador de construção, diferenciando-se assim gestos que assumem o papel de lugar de articulação, como por exemplo o gesto de APOIO (onde existe contacto) de gestos como VÍDEO-CHAMADA, em que as características que definem o articulador M2 como sendo de lugar de articulação não se aplicam.

Metodologias

Constituição da Amostra

Os dados foram elicitados de 6 sujeitos, dos quais 1 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Destes, 3 são ouvintes – Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e 3 são Surdos – Licenciados em Língua Gestual Portuguesa. As idades cronológicas e respetiva média tal como o desvio-padrão calculado encontram-se no quadro abaixo.

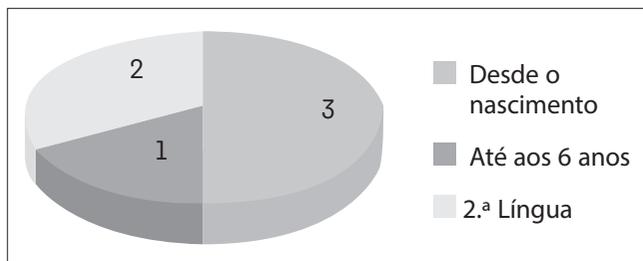
Quadro 1 – Média de idades e desvio -padrão

Participantes	Idade	Média Idades	Desvio-padrão
1	46	33,66666667	7,711463328
2	34		
3	39		
4	26		
5	30		
6	27		

Para que o estudo fosse fidedigno, parte da amostra é constituída por elementos que adquiriram a língua gestual portuguesa até aos 6 anos de idade. Sendo assim, 3 dos participantes adquiriram a língua logo após o nascimento e 1 adquiriu aos 4 anos,

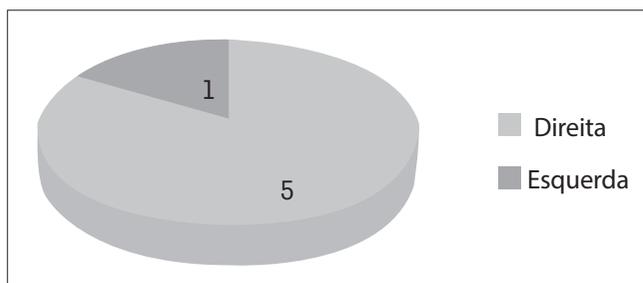
cumprindo os requisitos para a constituição da amostra. Para finalizar, 2 dos elementos adquiriram a língua gestual como 2.^a língua, em idades distintas.

Figura 1 - Idade de aquisição da Língua Gestual



Esta investigação centra-se no estudo dos articuladores gestuais e, por isso, verificou-se que dos 6 elementos apenas 1 utiliza a mão esquerda como M1, ou seja, é canhoto.

Figura 2 – Mão dominante



Procedimentos

Os dados para este estudo foram elicitados com respetiva autorização dos participantes numa única sessão em dois momentos distintos e filmados com recurso a meios audiovisuais. Não foi estipulado nenhum tempo limite para ambas as tarefas. No primeiro momento realizou-se a tarefa de nomeação em que foram apresentados sucessivamente aos seis participantes, 50 cartões (10 cm de comprimento por 6,5 cm de largura) com vocábulos associados a imagens (Quadro 5), sendo solicitado que executassem o gesto representativo em língua gestual portuguesa. De seguida, realizou-se um questionário/entrevista onde foi pedido a cada um dos participantes que objetivassem o significado da M2 de 25 dos gestos presentes nos cartões, previamente selecionados pelos investigadores a fim de determinar a presença, ou não, de classificadores fonológicos – objetivo do estudo em questão.

Antes da recolha da amostra, o grupo realizou um pré-teste a uma docente e a uma intérprete de Língua Gestual Portuguesa. Este pré-teste visava a

verificação da fiabilidade do teste a aplicar, de forma a compreender a sua validade. Depois do pré-teste realizado e das análises efetuadas ao mesmo, o grupo decidiu alterar alguns cartões que causavam controvérsia.

Os cartões que necessitaram de revisão referem-se aos gestos de “EXPULSAR”, “ORGANIZAR” e “APOIAR”, uma vez que a palavra escrita no cartão era demasiado pequena e a imagem tinha um papel de maior relevo. Com o conhecimento prévio do carácter polissémico da língua gestual foi notória a superioridade da influência da imagem sobre a palavra, não correspondendo o gesto executado ao pretendido. Decidiu-se por isso reduzir o tamanho da imagem e destacar a palavra. No cartão “ORGANIZAR” a imagem também sofreu alteração, uma vez que neste caso a imagem influenciava na sua totalidade e modificava o significado do gesto.

Análise

Na análise dos dados foram visualizadas as gravações e anotadas em grelhas as concretizações de cada um dos vocábulos por parte dos participantes (Quadro 2). O método de comparação esteve sempre presente durante este processo sendo referidas todas as participações realizadas (Gestos 1, 2, 3, 4 e 5) e respetivas incidências (Quadro 3). Não menos importante foi perceber a frequência com que ocorrem e quais os gestos mais consensuais e controversos neste processo. Seguidamente, foram analisadas as respostas aos diferentes significados que a M2 pode adquirir consoante a perspetiva de cada participante. Como tal, foram transcritas num quadro (Quadro 4) os diferentes sinónimos, concluindo-se num único termo o apanhado geral das respostas obtidas.

Os dados foram analisados e diferenciados de acordo com os três componentes distintivos na estrutura interna do gesto, definidos por William Stokoe³. As três grandes categorias fonológicas consideradas neste estudo para a distinção de itens lexicais são a configuração, o movimento e a localização. Estes elementos diferenciadores denominam-se *quiremas* e será a terminologia utilizada durante a descrição dos resultados e a discussão.

Resultados

Da tarefa de nomeação determinou-se que mais de metade dos gestos são executados da mesma forma havendo um consenso geral na sua repre-

Quadro 2 – Caracterizações de cada vocábulo pelos participantes

	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6	Frequência das variantes
Cachorro quente	Gesto 1	6G1					
Marcador	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 1	4G1/1G2/1G3
Entrar	Gesto 1	Gesto 2	5G1/1G2				
Submarino	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	5G1/1G2
Vídeo chamada	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 1	2G1/3G2/1G3
Bater à porta	Gesto 3	Gesto 4	Gesto 4	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	2G1/1G2/1G3/2G4
Tomada	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 2	1G1/5G2
Parkour	Gesto 3	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 4	3G1/1G2/1G3/1G4
Aeroporto	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	5G1/1G2
Profundidade	Gesto 1	6G1					
Tablet	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 3	1G1/4G2/1G3
Afiadeira	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 2	Gesto 4	Gesto 1	Gesto 2	2G1/2G2/1G3/1G4
Lei	Gesto 1	6G1					
Vulcão	Gesto 1	6G1					
Discriminação	Gesto 1	6G1	6G1				
Castigo	Gesto 2	Gesto 1	5G1/1G2				
Ressonância magnética	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	5G1/1G2
Metro	Gesto 1	6G1					
Funeral	Gesto 1	6G1					
Scanner	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 4	Gesto 5	2G1/1G2/1G3/1G4/1G5
Chocolate	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	5G1/1G2
Manteiga	Gesto 1	6G1					
Entrevista	Gesto 1	6G1					
Chouriço	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 2	Gesto 4	2G1/2G2/1G3/1G4
Lista	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	4G1/2G2
Barco à vela	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 2	Gesto 4	Gesto 3	Gesto 1	2G1/1G2/2G3/1G4
Intérprete	Gesto 1	6G1					
Participar	Gesto 1	6G1					
Aprender	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	4G1/2G2
Preparar	Gesto 1	6G1					
Juntos	Gesto 1	6G1					
Parabéns	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	5G1/1G2
Proibido	Gesto 1	6G1					
Bom apetite	Gesto 1	6G1					
Começar	Gesto 1	6G1					
Comunicar	Gesto 1	6G1					
Ilha	Gesto 1	6G1					
Perigoso	Gesto 1	6G1					
Relva	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	5G1/1G2
Chinelo	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	3G1/3G2
Trabalho	Gesto 1	6G1					
Votar	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 2	3G1/3G2
Sentar	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 1	4G1/1G2/1G3
Sanita	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 4	1G1/3G2/1G3/1G4
Faca	Gesto 2	Gesto 3	Gesto 3	Gesto 1	Gesto 3	Gesto 3	1G1/1G2/4G3
Equitação	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	5G1/1G2
Autocarro	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 2	Gesto 1	3G1/3G2
Apoiar	Gesto 1	6G1					
Organizar	Gesto 1	6G1					
Expulsar	Gesto 2	Gesto 2	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	Gesto 1	4G1/2G2

Interpretação do Quadro

Na coluna mais à esquerda da Tabela 1, é possível ler em sentido vertical, a ordem dos vocábulos apresentados em cartões, aos seis participantes do estudo. Para cada um dos vocábulos encontra-se em sentido horizontal as representações gestuais registradas correspondentes a cada participante. As denominações Gesto 1 (G1), Gesto 2 (G2), Gesto 3 (G3), Gesto 4 (G4) e Gesto 5 (G5) referem-se às diferentes execuções dos vocábulos, permitindo determinar o número de ocorrências para cada um, que estão contabilizadas na última coluna do quadro.

sentação em LGP. Num total de 32 gestos, 22 são executados de forma unânime e 10 têm apenas 1 participação diferente em 6. Destes 10 é importante referir que os investigadores admitem 2 participações diferentes, uma por influência da imagem e outra por incoerência da parte do participante em relação ao vocábulo solicitado no cartão (ENTRAR; PARABÉNS, respetivamente) e 2 participações diferentes por desconhecimento do gesto pedido, tendo em conta a hesitação e tempo de resposta perceptível na gravação de vídeo (RESSONÂNCIA.MAGNÉTICA; SUBMARINO). Das restantes 6, importa referir que a realização do gesto CASTIGO é executada apenas com a mão dominante, havendo uma abreviação na realização do gesto em relação às outras 5 participações; na realização do gesto de EQUITAÇÃO é utilizado um sinónimo gestual (Quadro 5, linha 10); os restantes gestos têm anotação de participação diferente por alteração de um *quirema*, 2 em relação à orientação (CHOCOLATE; TOMADA), 1 referente ao movimento e outro à configuração (AEROPORTO; RELVA, respetivamente).

São consideradas também as variantes predominantes dos léxicos MARCADOR, SENTAR, TABLET e FACA com 4 participações consistentes e ainda, as variantes dos léxicos PARKOUR e SANITA com 3. Em todos estes vocábulos as restantes participações são dissemelhantes, sendo contabilizadas 2 a 3 participações diferentes para além da predominante.

É possível com este estudo perceber a existência de duas variantes consistentes em algumas representações gestuais, credíveis pela sua frequência e consideradas pelos investigadores irremediavelmente válidas. São exemplos os gestos de CHINELO, VOTAR e AUTOCARRO em que a incidência ocorre em números iguais, isto é, em 6 participantes, 3 executam o Gesto 1 e 3 o Gesto 2. Em igual grau de validação, apesar de uma maior incidência numa variante do que na outra, são consideradas as variáveis dos léxicos LISTA, APRENDER e EXPULSAR em que a frequência se traduz em 4 realizações do Gesto 1 e 2 realizações do Gesto 2. No primeiro, a diferença do Gesto 2 para o Gesto 1 (uma vez que o Gesto 2 é o que apresenta menor frequência), reside na alteração da configuração da mão mantendo-se idênticos os restantes *quiremas*; no segundo, a diferença do Gesto 2 para o Gesto 1 caracteriza-se por uma abreviação (processo de queda do elemento fraco), uma vez que apenas é utilizada a M1 comparativamente ao Gesto 1, onde são utilizados os dois articuladores gestuais; no terceiro e último, a diferença consiste no papel da M2 – no Gesto 1

esta tem o papel de apoio/local de articulação (com uma configuração diferente da M1) e no Gesto 2 a M2 assume o papel de articulador gestual, tendo a mesma configuração de M1. Com alguma reflexão, considera-se ainda as duas variantes existentes em VÍDEO.CHAMADA apesar de existirem três participações diferentes na execução deste vocábulo. No entanto, a incidência em G1 e G2 tem alguma relevância com uma frequência de 2 Gesto 1 e 3 Gesto 2. Não existindo qualquer semelhança entre estas duas variantes os investigadores consideram a possibilidade de presença de dialeto, tendo em conta que os participantes a realizarem o Gesto 2 são da mesma zona de residência.

Por último, e a reunir menor consenso, são contabilizados 5 léxicos em que as participações são díspares uma das outras não sendo possível apurar a validade de cada uma delas. Apontado como o léxico com maior número de variantes no estudo, encontra-se o vocábulo SCANNER com 5 participações diferentes. De seguida, com 4 participações diferentes, foram anotados os vocábulos de AFIADREIRA, BATER.À.PORTA, BARCO.À.VELA e CHOURIÇO.

Todos estes dados relativos à tarefa de nomeação são perceptíveis nos Quadros 2 e 3.

Do segundo momento de recolha de dados os investigadores apuraram uma grande congruência nas respostas obtidas. Cerca de 19 explicações referentes ao significado da M2, nos 25 gestos inquiridos, são unanimemente coerentes por parte de todos os participantes, possibilitando a conclusão dos resultados de uma forma objetiva (Quadro 4).

Das restantes respostas é possível abranger ainda 3 explicações em que apenas um dos participantes tem uma perspetiva diferente comparativamente aos restantes.

As referidas respostas correspondem ao pedido de atribuição de significado de M2 nos gestos de FUNERAL, AFIADREIRA e BARCO.À.VELA. A perspetiva diferente mencionada para M2 do gesto FUNERAL traduz-se em “CAIXOTE” diferentemente do que acontece nas outras 5 participações, onde é indicado o significado de “parede do buraco”, determinando-se este como o resultado mais frequente e em conformidade com a maioria dos participantes. No gesto de AFIADREIRA a única resposta diferente, dada pelo Participante 3, não é considerada coerente pelos investigadores uma vez que, tanto na tarefa de nomeação como na entrevista, este interveniente executa o gesto de MILHO (Quadro 5, linha 13) ao invés de realizar

Quadro 3 – Participações realizadas e respetivas incidências

Consenso Geral		Nas 6 participações, com diferentes variantes, realce para:					
Por unanimidade 6G1	Com 1 participação diferente 5G1	Apenas 1 Variante consistente		2 Variantes consistentes G1 + G2 ≥ 5		Menos Consenso	
CACHORRO QUENTE	ENTRAR	MARCADOR	4G1	CHINELO	3G1 3G2	SCANNER	2G1 1G2 1G3 1G4 1G5
PROFUNDIDADE	SUBMARINO	SENTAR	4G1	VOTAR	3G1 3G2	AFIADEIRA	2G1 2G2 1G3 1G4
LEI	AEROPORTO	TABLET	4G2	AUTOCARRO	3G1 3G2	BATER À PORTA	2G1 1G2 1G3 2G4
VULCÃO	CASTIGO	FACA	4G3	LISTA	4G1 2G2	BARCO À VELA	2G1 1G2 1G3 2G4
DISCRIMINAÇÃO	RESSONÂNCIA MAGNÉTICA	PARKOUR	3G1	APRENDER	4G1 2G2	CHOURIÇO	2G1 1G2 1G3 1G4
METRO	CHOCOLATE	SANITA	3G2	EXPULSAR	4G1 2G2		
FUNERAL	PARABÉNS			VÍDEO CHAMADA	3G1 3G2		
MANTEIGA	RELVA						
ENTREVISTA	EQUITAÇÃO						
INTÉRPRETE	TOMADA						
PARTICIPAR							
PREPARAR							
JUNTOS							
PROIBIDO							
BOM APETITE							
COMEÇAR							
COMUNICAR							
ILHA							
PERIGOSO							
TRABALHO							
APOIAR							
ORGANIZAR							

o gesto de AFIADREIRA, confundindo-se de igual forma durante a entrevista aquando da solicitação do significado de M2. No que diz respeito ao significado da M2 no gesto BARCO.À.VELA, a resposta diferente em comparação às restantes 5, mereceu alguma consideração, pois os investigadores consideram que este significado pode ser influenciado pelo movimento que M2 pode ou não realizar. No caso de M2 se manter estática em relação a M1, parece ser natural para os nativos e utilizadores da língua

atribuir-lhe o significado de “água”, no entanto, como o que sucedeu na participação diferente, quando M2 acompanha o movimento de M1 é manifestada a possibilidade de esta adquirir o significado de elemento constituinte de “barco”. Indelévelmente estas são apenas considerações dos investigadores que não podem ser suportadas por escassez de elementos comparativos, sendo necessários mais estudos na área para se concluir tais suposições.

Quadro 4 – Resposta aos diferentes significados conforme a perspectiva de cada participante

Gestos	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5	Participante 6	Resultados
CHINELO	QUENTINHO SOLA	PANTUFA SAPATO CHINELO	ALMOFADA DO CHINELO PARA PODER ANDAR	PÉ LOCAL METER PÉ	OBJETO ONDE PÉ ENCAIXA	CHINELO LOCAL ENCAIXE	CHINELO
RELVA	TERRA	TERRA	TERRA	CHÃO	TERRA	TERRA	TERRA
VULCÃO	TERRA CONE LAVA	ROCHA MONTANHA	PROTEÇÃO CONE	CONE	TERRA	CRATERA	CONE
PROFUNDIDADE	BURACO	TERRA	TERRA FUNDO BURACO	SUPERFÍCIE	SERVE PARA VER PROFUNDIDADE (depende do objeto)	PROFUNDIDADE	NÍVEL ABAIXO DA TERRA
CASTIGO	PESSOA	PESSOA	PESSOA	PESSOA	PESSOA	PESSOA	PESSOA
TABLET	MÁQUINA NOVA TECNOLOGIA MATERIAL	ECRÃ	MATERIAL FÍSICO	COMPUTADOR PEQUENO	MÁQUINA PEÇA	COMPUTADOR	OBJETO (tablet)
METRO	TÚNEL	TERRA POR BAIXO	TERRA DE BAIXO	SUPERFÍCIE	FIOS DE ENERGIA METRO OU TETO	TERRA TETO	NÍVEL DA TERRA
RESSONÂNCIA MAGNÉTICA	MÁQUINA FORMA MAGNETO	MÁQUINA FORMA MAGNETO	MÁQUINA	APARELHO OBJETO	MÁQUINA	MÁQUINA	MÁQUINA (magneto)
FUNERAL	TERRA PAREDE BURACO	CAIXOTE	TERRA PROTEGER	(dados inexistentes)	TERRA LOCAL ENTERRO	BURACO	PAREDE DO BURACO
EQUITAÇÃO	ANIMAL CAVALO	CAVALO	CAVALO	CAVALO	CAVALO	CAVALO	CAVALO
AFIADEIRA	AFIA	METAL	LÁPIS	OBJETO	AFIA OBJETO	OBJETO	OBJETO (afiadeira)
LEI	PAPEL	FOLHA PAPEL	PAPEL	PAPEL	(dados inexistentes)	PAPEL	PAPEL
PARKOUR	PAREDE	PAREDE	PAREDE	PAREDE	PAREDE	PAREDE	PAREDE
TOMADA	CAIXILHO TOMADA	CAIXILHO NA PAREDE	PAREDE	OBJETO NA PAREDE	CAIXILHO LOCAL ENCAIXE	PAREDE CAIXILHO OBJETO	CAIXILHO OU PAREDE
MARCADOR	CANETA OBJETO	CANETA	CANETA	CANETA	CANETA	CANETA	CANETA
SCANNER	MÁQUINA	MÁQUINA	TAMPA PROTEÇÃO	APARELHO	TAMPA	MÁQUINA	MÁQUINA (scanner)
BOM APETITE	MESA	MESA	MESA	MESA	MESA	MESA	MESA
LISTA	PAPEL	PAPEL	PAPEL	PAPEL	PAPEL	PAPEL	PAPEL
BARCO À VELA	MAR	ÁGUA	ÁGUA	MAR	BARCO	MAR	NÍVEL DA ÁGUA
CACHORRO QUENTE	PÃO	PÃO	PÃO	PÃO	PÃO	PÃO	PÃO
ENTRAR	PAREDE OU PORTA	PORTA	PORTA OU PAREDE	PORTA	PORTA	PORTA	PORTA OU PAREDE
SUBMARINO	MAR	ÁGUA	ÁGUA	MAR	MAR	MAR	NÍVEL DA ÁGUA
VÍDEO CHAMADA	G1-TELEMÓVEL G2-ECRÃ	ECRÃ	PROTEÇÃO	TELEMÓVEL	TELEMÓVEL	TELEMÓVEL	TELEMÓVEL
BATER À PORTA	PORTA	PORTA	PORTA OU PAREDE	PORTA	PORTA OU JANELA (depende)	PORTA	PORTA
AEROPORTO	TERRA	CHÃO	TERRA	CHÃO	CHÃO	CHÃO	SUPERFÍCIE

Interpretação do Quadro

Na primeira coluna em sentido vertical encontram-se todos os gestos questionados em entrevistas e anexados ao trabalho.

A entrevista consistiu na atribuição dos significados da mão não dominante, por parte dos participantes, dos 25 gestos supracitados realizados por um dos investigadores e cujas conclusões/resultados se encontram na última coluna. Estes resultados concluem um aglomerado de sinónimos executados por todos os participantes.

A causar maior controvérsia, com diferentes significados atribuídos a M2, estão os léxicos de METRO, VÍDEO.CHAMADA e TOMADA, sendo este último o que reúne menor consenso e do qual não se consegue concluir um resultado objetivo. As participações variam entre a atribuição de significado de “parede” e de “caixilho” a M2 (Quadro 4). Após repetida reflexão por parte dos autores, justifica-se esta incoerência com as duas orientações que M2 pode adquirir (Quadro 5, linha 13, Gesto 2), sendo que a posição representada na entrevista se encontra disponível para consulta no Quadro 5, correspondendo ao Gesto 1 do Quadro 2 e instigando a resposta “parede”. Em contrapartida, os participantes têm tendência a referir juntamente com esta primeira explicação, a referência ao objeto “caixilho”, que se justifica com o número de incidências do Gesto 2 que indicam a sua maior utilização no quotidiano e cuja orientação é diferente, induzindo o significado de M2 ao objeto em si.

Quanto às explicações referentes a METRO e VÍDEO.CHAMADA, apesar de haver participações diferentes, existe um consenso maioritário que permite aferir com alguma fidedignidade as conclusões assinaladas no Quadro 4.

Todos os resultados e referências a gestos e orientações são passíveis de serem consultados no Quadro 4.

Discussão

Na abordagem aos articuladores gestuais, nomeadamente ao papel da M1 e M2 e, tendo em conta a literatura existente que aborda a utilização da M2 como papel de articulador gestual ou o de lugar de articulação, o grupo de investigadores deparou-se com a existência de alguns gestos, cuja intuição exercida pelo contacto com a língua, indicava que o papel de M2 não correspondia nem à primeira, nem à segunda atribuição de papéis descritos. Tendo em vista o descortinar desta questão, o grupo listou uma variedade de gestos que considerou suscetíveis de comprovar a teoria a que se propuseram investigar.

Não obstante o objetivo do estudo foram também eliciados outros itens lexicais para corroborar os papéis mencionados em toda a literatura, revelando desta forma a existência de um papel diferente para além desses, sem referência nos estudos citados.

Assim sendo, os Quadros 2 e 3 correspondem ao total de gestos solicitados aos 6 participantes que englobam os dois papéis descritos por Stokoe³. Stokoe propôs que a M2 assumisse, no quadro

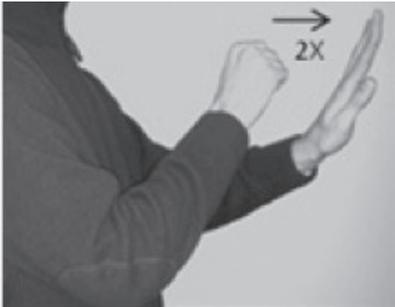
fonológico, dois papéis distintos: o de articulador e o da localização da articulação. Para comparação, o Quadro 4 centra-se no objetivo de estudo e apenas tem enumerados os itens lexicais listados para comprovação da hipótese – os gestos em que se considera a presença de classificador em M2.

Após a análise e transcrição das explicações, são perceptíveis resultados coincidentes com as suspeitas do estudo pois há uma grande ocorrência de respostas equivalentes, que nos incitam a concluir que os utilizadores ativos da língua atribuem uma importância diferente a M2 em certas realizações de gestos.

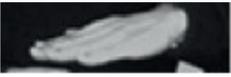
É ainda possível perceber que determinadas configurações têm atribuídas o mesmo significado ou significados similares, com o objetivo de situar a ação no espaço e elucidar os recetores da mensagem de informações importantes à interpretação correta do discurso. O Quadro 5 reúne todas as configurações de M2 presentes na entrevista permitindo um ponto de partida para a discussão entre os membros do grupo.

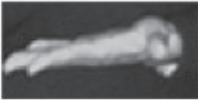
Foi equacionada com base nas configurações ilustradas e nos significados levantados, que a configuração respeitante aos gestos n.º 4, n.º 9, n.º 15 e n.º 22, nomeadamente, BATER.À.PORTA, ENTRAR, PARKOUR e TOMADA, representam o classificador de porta ou parede (informação sólida de um local) baseando esta dedução em Nascimento & Correia¹⁴: – “As CM determinam os referentes principais a serem classificados. No entanto, elas, por si só, não constituem o classificador. O componente semântico completo só é interpretado a partir do momento em que a CM se articula com os outros parâmetros para constituir o gesto. Sintaticamente, um classificador pode representar uma frase ou parte de uma frase.” O mesmo se verifica nos gestos n.ºs 12 e 13 em que, tanto no gesto de LEI como no de LISTA, o significado exaltado para a respetiva configuração de M2 é o de papel, sendo credível a conclusão de que são exemplos de configurações com grande informação semântica e que, juntamente com a atuação da M1 dão sentido ao gesto que se pretende, tornando a atuação da M2, como elemento fonológico (articulador gestual), de grande relevância na correta interpretação do discurso, justificando assim a proposta de existência de um papel da M2 como classificador fonológico e colocando por terra as teorias que sustentam que M2 é sempre uma versão fraca da M1, sem autonomia e que apenas apoia o gesto a nível da simetria do mesmo. Ainda são exemplos os gestos n.ºs 1 e 17 (AEROPORTO e RELVA) cujo significado atribuído

Quadro 5 – Orientações que M2 pode adquirir

	Gestos	Configuração M2	Significado M2
1	 <p style="text-align: center;">AEROPORTO</p>		Superfície
2	 <p style="text-align: center;">AFIADEIRA</p>		Objeto
3	 <p style="text-align: center;">BARCO.À.VELA</p>		Nível da água
4	 <p style="text-align: center;">BATER.À.PORTA</p>		Porta
5	 <p style="text-align: center;">BOM.APETITE</p>		Mesa

	Gestos	Configuração M2	Significado M2
11	 <p data-bbox="537 534 656 561">FUNERAL</p>		<p data-bbox="1317 370 1446 434">Parede do buraco</p>
12	 <p data-bbox="574 885 618 912">LEI</p>		<p data-bbox="1344 736 1419 763">Papel</p>
13	 <p data-bbox="561 1236 634 1264">LISTA</p>		<p data-bbox="1344 1087 1419 1115">Papel</p>
14	 <p data-bbox="521 1544 672 1572">MARCADOR</p>		<p data-bbox="1338 1417 1425 1444">Caneta</p>
15	 <p data-bbox="532 1864 660 1891">PARKOUR</p>		<p data-bbox="1338 1732 1425 1759">Parede</p>

	Gestos	Configuração M2	Significado M2
16	 <p data-bbox="451 534 665 561">PROFUNDIDADE</p>		Nível da terra
17	 <p data-bbox="516 883 604 910">RELVA</p>		Terra
18	 <p data-bbox="389 1234 727 1261">RESSONÂNCIA.MAGNÉTICA</p>		Máquina (Magneto)
19	 <p data-bbox="500 1585 620 1613">SCANNER</p>		Máquina (Scanner)
20	 <p data-bbox="483 1957 636 1985">SUBMARINO</p>		Nível da água

	Gestos	Configuração M2	Significado M2
21	 <p data-bbox="548 559 643 587">TABLET</p>		Objeto (Tablet)
22	 <p data-bbox="540 910 651 938">TOMADA</p>		Caixilho ou Parede
23	 <p data-bbox="540 1229 651 1257">VULCÃO</p>		Cone
24	 <p data-bbox="488 1602 703 1630">VÍDEO.CHAMADA</p>		Telemóvel
25	 <p data-bbox="548 1953 643 1981">METRO</p>		Nível da Terra

a M2 corresponde a terra/superfície, bem como, os exemplos de AFIADEIRA, BOM.APETITE, MARCADOR, RESSONÂNCIA.MAGNÉTICA, SCANNER, TABLET e VÍDEO.CHAMADA, todos eles com CM diferentes, mas imprescindíveis e preponderantes para a clarificação da mensagem, representando na terminologia de Supalla¹⁰, um “classificador secundário” com a função de fundo. A M2 também pode ser explorada para manter as informações de fundo, presentes no discurso durante o tempo que ela é relevante.

Já no que concerne à configuração de M2 executada nos gestos de PROFUNDIDADE (n.º 16), METRO (n.º 25), BARCO.À.VELA (n.º 3) e SUBMARINO (n.º 20) existe uma diferenciação dos significados atribuídos, sendo bastante relevante a influência do contexto na explicação da importância de M2. Nos dois primeiros a CM refere-se ao nível da terra e nos dois últimos ao significado de nível da água permitindo o sentido de profundidade e a contextualização espacial do nível abaixo da terra e/ou da água. Supracitando as autoras, Nascimento & Correia¹⁴, “[...] a modalidade espaço-visual das línguas gestuais favorece a incorporação de várias funções em um único ‘classificador’, pois, de acordo com a forma e a posição que assume no discurso, preenche estruturas sintáticas com associações de sujeito com verbo, objeto, instrumento, modo, aspeto e locação. Isto significa que a tradução de um CL para a LP é capaz de gerar uma unidade estruturalmente complexa perante o alto teor semântico contido na unidade representada na língua gestual.”

Ainda nos mesmos moldes, com configurações iguais mas sentidos diferentes, ocorre o gesto de CACHORRO.QUENTE (n.º 6) e gesto CHINELO (n.º 8) cuja configuração, sem alteração de nenhum *quiere*, significa respetivamente pão e chinelo, apelando ao sentido lato de homonímia, “[...] quando duas formas (palavras ou gestos) têm forma e categoria morfossintática semelhantes, mas apresentam significados diferentes entre os quais não é possível estabelecer qualquer relação”¹⁴. É ainda pertinente salientar que no gesto de CHINELO, M2 apresenta a configuração que permite a correta assimilação do conceito à imagem mental, uma vez que M1, como foi referido por alguns participantes, corresponde ao significado de “PÉ” que encaixa em M2 – que é a parte constituinte de chinelo/sola do chinelo.

Com configurações de M2, consideradas na área da morfologia como classificadores nominais descritivos existentes na M1, registam-se as CM dos gestos n.ºs 7 e 10 que correspondem à execução do

gesto de CASTIGO e EQUITACÃO cujos significados atribuídos, respetivamente, “pessoa” e “cavalo”, são considerados representações de entidades ou partes de entidades de toda a natureza referindo-se a indivíduos (“o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta”)¹⁵, neste caso pessoas e animais. Já o significado atribuído a M2 do gesto VULCÃO é considerado morfologicamente, em relação a M1, classificador nominal atributivo pois é representada uma forma específica para a estrutura do cone, que é o significado concluído pelos participantes do estudo.

Estas são algumas analogias feitas pelos estudantes, no sentido de comprovar a presença de classificadores fonológicos no papel que M2 desempenha, sendo feita uma comparação com os que já existem relativamente a M1 e que são convencionalmente aceites pelos investigadores das línguas gestuais.

Mais exemplos podem ser consultados no Quadro 5 em consonância com o Quadro 4, sendo que todos os resultados apenas se aplicam aos 25 gestos pedidos, não se podendo generalizar ao total de itens lexicais trabalhados nesta investigação. No entanto, estes foram os primeiros passos tomados por um grupo de estudantes que pretendem estender e partilhar a área de estudo com futuros investigadores e curiosos, dando o seu pequeno contributo nas investigações da linguística da Língua Gestual Portuguesa.

Conclusão

A investigação levada a cabo e sumamente descrita realizou-se entre os meses de novembro de 2013 a finais de janeiro de 2014, no âmbito da cadeira de linguística da Língua Gestual Portuguesa, do mestrado de educação de surdos, da Universidade Católica de Lisboa.

Durante estes três meses foram equacionadas pelos três membros do grupo, diferentes propostas e estratégias de resolução dos objetivos implementados, que foram alcançados com grande dedicação e esforço. Numa fase inicial foi procurada a bibliografia necessária para a revisão da literatura e gradualmente foram elaborados os passos consequentes à realização da investigação. Após a constituição da amostra e recolha de dados, sucedeu-se a análise que resultou na conclusão dos dados e desfecho dos objetivos alcançados.

Supportados em Supalla¹⁰, que clama o papel de M2 como um “classificador secundário”, e Sandler

& Lillo Martin¹ que afirmam coexistir, na categoria de classificadores de construção, representações das duas mãos como entidades icônicas e que juntas conseguem representar uma relação espacial de interações entre as entidades, podendo isto expressar que cada mão possui um certo significado, conclui-se com este trabalho e com base nos resultados extraídos, que M2, considerado um articulador secundário na fonologia das línguas gestuais, adota, em certos contextos, um papel diferente dos vinculados por Stokoe (articulador gestual e lugar de articulação) e cujos significados inquiridos em 25 gestos induzem à presença de classificadores na M2, que nos propomos a denominar como classificadores fonológicos, sendo esta a nossa proposta para futuras investigações, visando o estender do número de gestos em que estes são perceptíveis bem como a convenção da existência deste papel de desempenho de M2 na fonologia da LGP.

Referências

1. Sandler, Wendy & Lillo Martin, Diane. 2006. *Sign Language and Linguistics Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
2. Blevins, J. 1993. The Nature of Constraints on the Non-Dominant Hand in ASL, *Phonological Structure in ASL, the American signed language of the Deaf: Current Issues*, ed. by G. Coulter (Phonetics and Phonology, Vol. 3), Academic Press, New York, 43-62.
3. Stokoe W. C. (1960). "Sign Language structure: an outline of visual communication system of the American deaf". In *Studies in linguistics: occasional Papers*. Buffalo: University of Buffalo.
4. Battison, Robbin. 1978. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok.
5. Moita, M. , Carmo, P. , Ferreira, J. P., Mineiro, A. (2012). Preliminary description and analysis of the phonology of Portuguese Sign Language for computational modeling purposes. In formal and experimental advances in sign language theory (Feast). Warsaw. (Poster).
6. Sandler, Wendy (2006). Phonology, Phonetics, and the Nondominant Hand. In Louis Goldstein, D. H. Whalen, and Catherine Best (Eds.). *Papers in Laboratory Phonology: Varieties of Phonological Competence* (pp. 185-212). Berlin: Mouton-de-Gruyter.
7. Battison, Robbin (1974), *Phonological Deletion in ASL*, *Sign Language Studies* 5, 1-19.
8. Paden, C. & Perlmutter, D. (1987). American Sign Language and architecture of phonological theory. *Natural Language & Linguistic theory* 5, 335-375.
9. Mithun, M. (1984). The evolution of noun incorporation. *Language*, 60(4), 847-894.
10. Supalla, Ted (1982). *Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language*. Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego.
11. Schick, B. S. (1987), *The acquisition of classifier predicates in American Sign Language*. Purdue University; Classifier predicates in American Sign Language (1990), *International Journal of Sign Linguistics*, 1 (1), 15-40.
12. Supalla, Ted (1982, 1986). The classifier system in American Sign Language. In: Colette G. Craig (ed.), *Noun Classification and Categorization*, 181-214. Philadelphia: John Benjamins.
13. (Klima e Bellugi; 1979, Sutton Spence e Woll 1999, Sandler e Lillo-Martin 2001).
14. Nascimento, S. & Correia, M. (2011). *Um Olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Ed. 1. vol. 15 Lisboa: UC Editora.
15. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. São Paulo: Nova Fronteira S.A. 1986.